ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA EPJAI EM UM CENÁRIO DE DESIGUALDADES: UMA PROPOSTA CRÍTICA

Samuel Dias Alves
Universidade Federal da Bahia
samuel.dias.alves@gmail.com

Jaqueline Silva Carlos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
jaqueline_carlos19@outlook.com

Eixo 6 - Educação Matemática inclusiva e diversidade na EJAI

INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe levar ao ensino de Matemática na Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosos (EPJAI) uma discussão sobre Educação Financeira (EF) em um cenário de desigualdades de raça e gênero. Partindo de uma perspectiva crítica, a ideia é problematizar estas situações em um ponto de vista socioeconômico, dando a possibilidade de uma formação mais presente no debate de temas sociais. Mas porque estudar esses assuntos na EPJAI?

Primeiramente, a EF se mostra como uma temática de extrema importância quando levamos em conta este contexto de desigualdade social em que estão inseridos os educandos. Se apoiando em conteúdos matemáticos e não matemáticos, é fundamental que compreendam o universo do dinheiro e situações que não são identificados de forma explícita por eles, que são, por consequência, cidadãos e consumidores. Nessa perspectiva, trazemos o pensamento de Flor (2014), em que expõe que é essencial que se trabalhem conceitos de EF no ambiente de aprendizagem, tendo por finalidade a formação de cidadãos conscientes e aptos para a tomada de decisões adequadas em suas vidas financeiras.

Buscando um processo de aprendizagem que se empenhe em desenvolver o pensamento social e político durante as aulas de matemática, o pertencimento dos educandos dentro dos contextos sociais e financeiros são de grande importância para isso, pois permite criar uma relação mais próxima entre eles e os conhecimentos escolares que são apresentados, trazendo as vivências de fora dos "muros" da escola para o centro do debate em sala de aula.

Baseado nessas ideias iniciais, este trabalho se propõe em trazer uma proposta de atividade que relacione a temática da desigualdade de gênero e raça e o ensino da EF, no contexto do ensino de matemática da EPJAI.

REFERENCIAL TEÓRICO

A pedagogia proposta por este trabalho, se fundamenta em uma educação para emancipação (FREIRE, 2000), com a perspectiva de desenvolver discussões para a reflexão das desigualdades sociais e permitir a formação de uma criticidade referente a estas situações apresentadas. O pensamento de trazer situações pautadas em contextos reais, também é inspirado no mesmo autor, que compreende que o caminho para o conhecimento puramente científico deve ser feito por meio do conhecimento popular.

Em frente a isso, este trabalho traz uma proposta de atividade que tenta fazer uma relação entre as desigualdades de gênero e raça e o ensino de EF na aula de Matemática. Visto que a EF é definida de forma plural, precisamos nos centrar em um entendimento singular dessa temática, que tenha vista para o nosso contexto.

A EF é concebida pela Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) - que adota a concepção da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) - como o processo, no qual os indivíduos inseridos em determinado contexto social "[...] o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram sua compreensão dos conceitos e produtos financeiros [...] adquiram os valores e as competências necessárias para se tornarem conscientes das oportunidades e dos riscos neles envolvidos [...]" (BRASIL, 2011, p. 20).

Dessa forma, a inserção da EF precisa ser feita de forma crítica dentro dessa sala de aula, perpassando por conteúdos matemáticos e não matemáticos, trazendo uma discussão que vá além do debate sobre investimentos, bolsa de valores e etc, ainda mais quando consideramos o contexto social em que estão inseridos os educandos da EPJAI.

Ademais, Silva e Powell (2013) trazem uma concepção de EF Escolar levando em conta uma perspectiva crítica e considerando o contexto social em que o educando está envolvido, dando ênfase a importância do educando tomar decisões e ter posicionamentos críticos em frente a situações que remetem a sua vida financeira e a sociedade em que vive. Sob esse ponto de vista, faz-se necessário dar ênfase na expressão "tomar decisão", que corrobora com a concepção de Freire (2000) na perspectiva de uma educação emancipatória.

Acordado a estas questões, acredita-se que é possível desenvolver discussões de âmbito socioeconômico em paralelo com a EF. A ideia é exercer a leitura e escrita de mundo por meio da matemática. Como dito por Gutstein (2012), a área tem grande potencialidade para se discutir as injustiças da sociedade (leitura do mundo) e gerar discussões para tentar resolver tais problemas (escrita do mundo), auxiliando os educandos da EPJAI a saírem da sala de aula, preparados para perceber e criticar as injustiças existentes.

Com isso, a discussão das desigualdades de gênero e raça entram em sala de aula como problematização de injustiças existentes na sociedade, vistas pelo prisma da EF (leitura de mundo). E por meio deste, busca-se a conscientização e o desenvolvimento crítico dos educandos acerca destas desigualdades (escrita do mundo). Visto isso, nossa proposta se empenha em levantar questões como desigualdade salarial e diferenciação nos preços de produtos, ambos definidos por gênero e raça. Em seguida, será apresentada uma possível oficina a ser trabalhada com educandos da EPJAI abarcando este pensamento.

A PROPOSTA DE ATIVIDADE

O desenvolvimento da oficina se pautará em um ambiente em que o educando exerça a referida "curiosidade epistemológica" que Freire (2011) desconstrói como o exercício da criticidade na sua capacidade de produzir o conhecimento, não se rendendo a uma

curiosidade ingênua que o leve ao senso comum. Nesse ínterim, pretende-se instigar o educando a participar das discussões propostas sobre temática, viabilizando um ambiente de aprendizagem dialógico.

Como já dito, o foco é discutir questões de desigualdades referentes às relações entre gênero e raça no Brasil. Nesta proposta, pensamos em falar sobre o mercado consumidor, visto que os produtos direcionados para o público femininos possuem preços superiores quando comparados com os masculinos (lâminas de depilação, produtos de beleza, banho ou higiene pessoal são alguns dos exemplos). Além disso, quando vemos os produtos para o púlbico negro, esta diferença também ocorre, produtos de beleza ou produtos de cabelo para cachos ou cabelos crespos são exemplos que demonstram esta diferença de preços. Mas por que isso ocorre?

Bom, esta oficina se propõe a tentar responder estas questões se baseando nos trabalhos de Marimpietri (2017) e Silva & Remor (2017), discutindo sobre a "taxa rosa" – um movimento do mercado consumerista apoiado em técnicas de marketing e design, que torna os produtos desenvolvidos para mulheres mais caros que para os homens, mesmo que se tratem de produtos iguais." (MARIMPIETRI, 2017, p. 1) – e a visão mercadológica do negro para o consumismo atual. Assim, a proposta é pensada para visualizar o mercado de forma crítica e tentar entender o porquê destas desigualdades existirem, fazendo-os questionar se tais atitudes são aceitáveis ou não e tentando fazê-los refletir em como mudar tais situações.

Posterior a discussão, será proposto a realização de uma atividade, em que os educandos possam colocar o que foi discutido em prática. Assim, para observar como se comportam essas diferenças em um cenário financeiro cotidiano, eles deverão utilizar da internet para pesquisar e formular orçamentos baseados em produtos de mesma categoria que serão diferenciados por gêneros e/ou raças, e depois apresentarem para ou outros educandos e a partir disso, debaterem sobre os preços e como isso impacta nas pessoas, sendo elas homens ou mulheres, brancos(as) ou negros(as).

Para tentarmos desfiar sobre como o educando percebeu essas diferenças supracitadas, dentro dos recortes que fizemos, também fazendo referência à situações

cotidianas vividas pelo próprio, pretendemos tentar compreender as suas visões críticas [ou não] acerca das questões discutidas anteriormente e observar como estas se encaixam dentro da referida proposta. Dessa forma, será possível estabelecer um paralelo entre o que foi apresentado no ambiente escolar e o que eles possuem de vivências sociais como prováveis consumidores destes produtos.

RESULTADOS ESPERADOS

Devido ao estado de inconclusão do trabalho e por este possuir um caráter de apresentação de uma proposta de oficina que será aplicada, este estudo ainda não apresenta resultados para serem compartilhados. Contudo, esperamos que as discussões apresentadas aqui, possibilitem que estas ideias ganhem espaço dentro da academia e da escola. Acreditamos que o trabalho com temas como estes, somem a formação das pessoas jovens, adultas e idosas que pertencem a esta sociedade repleta de desigualdades e injustiças e que muitas vezes não são capazes de enxergá-las para poderem se contrapor a elas.

Palavras-chave: Educação Matemática; Educação Financeira; Raça; Gênero; EJA.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Estratégia Nacional de Educação Financeira -** Plano diretor da ENEF, 2011. Disponível em <https://bityli.com/IwgNAdn>. Acesso em: 20 set. 2022

FLOR, L. de A. **Discussões da Matemática Financeira na Educação de Jovens e Adultos.** 2014. 72 f. Dissertação (Mestrado em Matemática). Centro de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Editora Paz e Terra, 2011.

GUTSTEIN, Eric. **Reading and writing the world with mathematics: Toward a pedagogy for social justice**. Routledge, 2012.

MARIMPIETRI, Flavia. Pink tax e o direito das consumidoras. **Direito UNIFACS–Debate Virtual**, n. 206, 2017.

SILVA, AM da; POWELL, Arthur Belford. Um programa de educação financeira para a matemática escolar da educação básica. **Encontro Nacional de Educação Matemática**, v. 11, p. 1-17, 2013.

SILVA, Jupira Dias. População negra como alvo mercadológico para produtos de beleza: revisão bibliográfica. **Tecnologia em Cosmetologia e Estética-Pedra Branca**, 2017.